

HONÓRIO, CECÍLIA; MINEIRO, JOÃO (COORD.) (2021).

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-8_10

Novas e Velhas Extrema-Direitas.

Lisboa: Edições Parsifal, 176 p.

ISBN 978-989-8760-87-6.

Decorrido quase um século após a marcha sobre Roma de Mussolini e perante um quadro de reemergência das extremas-direitas, importa repensar a questão sob novos ângulos, sobretudo tendo presente a discussão concetual que tem perpassado o campo das ciências sociais e humanas. Alguns textos, nas últimas décadas, gizados numa linha mais ensaística, têm vindo a circunscrever a problemática no campo da recorrência histórica e política, falando em “eterno retorno do fascismo” ou “fascismo eterno”, como sucedeu com os escritos muito popularizados de Umberto Eco e de Rob Riemen. Por seu lado, a própria literatura ficcional, acompanhando o ressurgimento da extrema-direita na Alemanha e a maior circulação de teses negacionistas do Holocausto, tem espelhado estas preocupações, valendo a pena referir o polémico romance sobre Hitler, de Timur Vermes (2013. *Er Ist Wieder Wa*. Cologne: Bastei). Esta sátira do discurso populista, que inspirou um filme homónimo de 2015, parte da premissa de que o regresso do *führer* ressuscitado na segunda década do século XXI seria coroado de sucesso, uma vez que teria ao seu dispor uma panóplia (ainda mais eficaz do que no seu tempo) de meios de comunicação, encontrando uma população confiante na solidez da democracia e que reage com um misto de incredulidade, indiferença e cinismo às suas propostas, consideradas mais caricatas do que perigosas.

Neste sentido, a obra aqui passada em revista revela-se de acrescido interesse e atualidade, propondo-se caracterizar as novas extremas-direitas e a sua relação com o fascismo histórico (primeira parte), assim como dar a conhecer alguns estudos de caso sobre os casos norte-americano,

italiano, francês e ibérico (segunda parte). Tendo como ponto de partida o Congresso Internacional “Neofascismo, Pós-Fascismos e Novas Extremas-Direitas – uma visão à escala global”, organizado pelo Instituto de História Contemporânea (IHC) e o Observatório de Extrema-Direita, o qual teve lugar em novembro de 2020, o livro encontra-se dividido em onze capítulos. Assinam a introdução (pp. 9-13) João Mineiro e Cecília Honório, que começam por situar a problemática: nem as novas extremas-direitas são uma “mera repetição do fascismo histórico”, nem estas devem ser encaradas como uma “mera expressão da própria pluralidade da democracia” (pp. 10-11). Feita esta advertência, o texto sublinha que as concessões da social-democracia ao neoliberalismo, com destaque para as medidas de austeridade e a desestruturação do Estado social no pós-crise de 2008, abrindo espaço à precarização do trabalho e ao ressentimento perante a falta de respostas aos desafios do novo século, criaram terreno fértil para a radicalização do discurso, mesmo se a extrema-direita já há várias décadas viesse acumulando experiências de poder em coligação.

Intitulado “Quatro Pontos sobre a Extrema-Direita em Portugal” (pp. 15-21), o primeiro capítulo, de Fernando Rosas, é sucinto, mas lapidar. Iniciando-se com uma pergunta hamletinana acerca do que “é e não é a nova extrema-direita”, o autor remonta-a à “crise sistémica do capitalismo neoliberal” e ao “fascismo e neofascismo grupuscular” (pp. 15-16). Analisando, de igual modo, as diferenças fundamentais com o fascismo histórico (discurso menos eivado de revolucionarismo e de desejo de assalto ao poder; aparente aceitação do jogo parlamentar, sem a apologia de um regime autoritário de partido único; e a tónica menos pronunciada no culto da violência, entre outros elementos), Rosas assume ser cedo para descartar a possibilidade de que estes e outros valores do fascismo histórico venham ainda a ser assumidos (p. 16).

Os três textos seguintes, também pertencentes à primeira parte, ampliam esta análise. Daniel Pinéu e José Manuel Pureza, em “Antiglobalistas Globais: a Extrema-Direita e a Ordem Internacional” (pp. 23-34), dissecam a metamorfose dos conceitos de “nacionalismo”, “nativismo” e “reacionarismo”, que descortinam agora vertidos em formulações de recorte

eufemístico, como “cultura originária” ou “judeo-cristianismo”. Os autores ressaltam, ademais, a paradoxal assunção de uma agenda antiglobal por parte de “antiglobalistas globalizados”. Não chegando a referir os esforços do *Duce*, nos anos 30, no sentido de criar uma “Internacional Fascista”, Pinéu e Pureza concentram-se, ainda assim, num aspeto análogo ao enfraquecimento sofrido pela Sociedade das Nações (SdN), ou seja, o modo como Steve Bannon tem procurado federar a extrema-direita numa frente transnacional, capaz de desafiar o funcionamento das grandes organizações mundiais.

Por sua vez, tanto Andrea Peniche, em “Belas, Recatadas e do lar: o Antifeminismo como Arma de Deslegitimação Política” (pp. 35-47), quanto Francisco Mangas, no último texto da obra, intitulado “A longa história do anticiganismo: história e historiografia” (pp. 159-172), buscam enquadrar a rejeição da igualdade de género, sob a capa de crítica ao “radicalismo feminista”, e a xenofobia dispensada às minorias, numa estratégia concertada de retorno a valores essencialistas.

Quanto a Manuel Loff, em “Não são mesmo (Neo) Fascistas? O lugar da Extrema-Direita no Assalto à Democracia” (pp. 49-71), talvez o texto mais substancial do volume, empreende uma digressão pelo fascismo histórico, comparando-o sistematicamente com os nossos tempos. Desde os paralelos entre *O Declínio do Ocidente*, de Oswald Spengler, e *O Choque de Civilizações*, de Samuel Huntington, até à “inassimilabilidade do muçulmano ou do cigano, antes a do judeu” (p. 56), passando pela promessa do “fim da História” – a verdade é que Loff parece retomar a questão de Rosas acerca do futuro próximo, quando invoca o “debate clássico” entre “*fascismo-movimento*” e “*fascismo-regime*” (p. 66). E termina com duas outras interrogações: “para que serve dar um nome ao que vivemos? É mobilizável o *antifascismo sem (neo)fascismo*?” (p. 69).

Conforme mencionado, os textos da segunda parte, a despeito de algumas considerações de teor mais generalista, tendem a focar-se nos casos nacionais. Enquanto José Manuel Sobral, em “Identidades e Globalização: que Nacionalismos na Afirmação da Extrema-Direita? O Caso Americano da Era Trump” (pp. 73-87), convoca a terreiro uma série de ressentimentos

(políticos, socioeconómicos, geoestratégicos e culturais) que o *Tea Party* e depois a administração Trump lograram mobilizar, já o capítulo de Virgílio Borges Pereira, “O Voto na Frente Nacional Francesa e a sua Inscrição Social: Algumas Ilações Decorrentes da sua mais recente sociologia” (pp. 89-100), traça um desenho evolutivo do partido dos Le Pen, desde o momento da sua fundação, em 1972. Steven Forti, que assina “A Liga de Salvimi. Do Secessionismo Padano ao Nacionalismo Italiano” (pp. 101-113), descreve um exercício político de reconfiguração ainda mais *sui generis*, tanto mais que a Liga do Norte é o “partido ‘mais antigo’ com assento no parlamento de Roma, devido às transformações que o sistema político sofreu”, sendo ao mesmo tempo “o único caso conhecido de um partido regionalista que se tornou nacionalista, abraçando o nacionalismo italiano e procurando criar raízes em todo o país” (p. 101).

Por último, os capítulos de Xavier Casales, “Vox, Chega e a Ultradireita portuguesa” (pp. 115-124), de Cecília Honório, “Portugal – o fim da exceção” (pp. 125-142), e de Bruno Madeira, “A intervenção cultural como estratégia de assalto ao poder das direitas radicais portuguesas (1976-2019)” (pp. 143-157), completam-se na sua abordagem múltipla dos países ibéricos. Todos estes textos enfatizam a proximidade temporal das ditaduras de Salazar e Franco como importante fator de cerceamento da extrema-direita peninsular. Xavier Casals, ainda que ponderando o perfil parecido dos líderes do Chega e do Vox, a sua “visibilidade mediática” e o “programa económico neoliberal”, aponta que o primeiro “pretende refundar o sistema político, o que o converte numa formação antissistema, e o Vox quer sustentá-lo, pelo que é um partido sistémico” (p. 123). De igual modo, Cecília Honório reflete acerca do que “une e o que distingue” as duas formações partidárias. Se ambas terão beneficiado da crise do centro-direita e da direita clássica, assim como uma de certa normalização por parte dos meios de comunicação social, o Vox tem tirado partido da questão catalã e das crises de refugiados, ao passo que o Chega não dispõe de uma “fratura identitário-nacionalista” com o mesmo alcance (p. 131). Quanto a Bruno Madeira, fazendo remontar a sua análise aos finais dos anos 70, filia a extrema-direita lusa no caldo

cultural de alguns debates intelectuais desse tempo, os quais punham a tónica na cultura. Por outras palavras, esta terá servido de chapéu a temas económicos e políticos, os quais, a pouco e pouco, começaram a ressurgir no panorama da esfera pública.

SÉRGIO NETO

sgdneto@gmail.com

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX

(CEIS20)

<https://orcid.org/0000-0002-9737-0029>

(Página deixada propositadamente em branco)

Conflito e Conflitualidades

Conflito e conflitualidades afiguram-se formas naturais de relações entre os seres, representam conceitos transversais a tudo ao que é humano, abarcando, ora a dimensão de sujeito, ora a da vivência em sociedade, das mais restritas às mais complexas formas de organização. Existem, assim, várias aceções conceptuais do *conflito* determinadas pelo modo como é postulado em diversas disciplinas como a Filosofia, a Literatura, a Cultura, a Linguística, as Ciências da Informação, as Artes, a História, a Geografia, a Psicologia, a Ciência Política, a Antropologia, a Sociologia, o Direito. O conflito é, para alguns pensadores, o motor da própria história e a sua centralidade faz com que, outros, o transformem no próprio objeto das suas teorizações, no passado e no presente. Por outro lado, o conflito não ocorre apenas entre partes que se repudiam, podendo envolver perspectivas diferentes entre sujeitos com relações de afinidade, variando na escala e na intensidade, desde conflitos de intimidade até conflitos à escala supranacional.

Os conceitos de *conflito* e de *conflitualidades* instituem, pois, de uma forma global, um espaço de cruzamento de múltiplos horizontes do saber e compreensões do humano. A associação dos dois lexemas/conceitos e o jogo entre o singular (de conflito) e o plural (de conflitualidades) propõe uma dialética própria, abarcando argumentos, contra-argumentos, sínteses, de natureza epistemologicamente diversa, que o nº 9, 3ª série, da *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* pretende centralizar e discutir.

Se as sociedades complexas são caracterizadas por graus elevados de tensão e de conflito, as instituições sociais e os valores são considerados elementos de consenso, de resistência, essenciais para garantirem a sua persistência e o progresso. Não obstante alguns autores considerarem que o conflito não pode ser analisado isoladamente, sem o consenso, ao eleger o tema *Conflito e Conflitualidades* para o próximo volume da *Biblos*, pretende-se dar um enfoque particular ao momento que atravessamos na Europa e no mundo. Os tempos pós-pandemia, que alguns auguraram que poderiam assemelhar-se aos

denominados “loucos anos 20 do Séc. XX”, transformaram-se radicalmente, num período em que novos conflitos emergiram e os velhos se agudizaram. A guerra na Ucrânia, a radicalização política dos movimentos sociais e culturais, a crise económica, o movimento dos migrantes, a evidenciação dos efeitos da crise climática, são alguns tópicos que permitirão abordar o tema do *Conflito e Conflitualidades*, na atualidade e desde o passado, a partir de perspetivas diferentes, multidisciplinares e de uma forma inovadora, atual, de situar o *problema*.

Do cruzamento do tema com a natureza essencial da revista *Biblos*, emerge um conjunto de tópicos de análise que norteará o debate:

- o conflito enquanto facto histórico, nas suas diversas motivações;
- o conflito enquanto motor e tema de criação literária e artística;
- o conflito na sociolinguística e na etnolinguística;
- interpretação e conflitualidade;
- conflitos epistémicos e epistemológicos;
- identidades e culturas em conflito;
- conflitualidades e transformação social;
- o conflito enquanto acontecimento;
- os *media* e os conflitos;
- conflito e Direitos Humanos;
- conflitos territoriais, fronteiras e mobilidades;
- conflito, catástrofes naturais e desastres humanos;
- conflito, geocrítica e ecocrítica.

Até 30 de abril de 2023, a Direção de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* receberá artigos sobre esse tema, através da plataforma Open Journal Systems (<https://impactum-journals.uc.pt/biblos/login>).

Todos os artigos devem seguir as normas redatoriais da revista (<https://impactum-journals.uc.pt/biblos/about/submissions>) e serão submetidos à arbitragem científica de uma comissão formada por especialistas.

A atividade editorial da revista segue o *Código de ética. Guia de boas práticas para editores de revistas da Universidade de Coimbra* (https://www.uc.pt/fluc/investigacao/biblos/politicas_editoriais/index).

Conflict and Conflictualities

Conflict and conflictualities are natural forms of interaction between people. They represent concepts that cut across all that is human, comprising both the dimension of the subject and that of life in society, from the narrowest to the most complex forms of organization. Thus, there are various conceptual meanings of conflict depending on how the word is postulated in different fields such as Philosophy, Literature, Culture, Linguistics, Information Science, the Arts, History, Geography, Psychology, Political Science, Anthropology, Sociology, and Law. Some thinkers see conflict as the driving force of history itself, and its centrality has made others turn conflict into the very object of their theorizations in both the past and the present. Moreover, conflict is not limited to dissenting parties. It can entail different perspectives between concurring subjects, with varying scales and intensities, from intimacy conflicts to conflicts on a supranational scale.

Hence, the concepts of *conflict* and *conflictualities* establish a global crossover between numerous horizons of knowledge and understandings of the human. The association of the two lexemes/concepts and the wordplay between the singular (*conflict*) and the plural (*conflictualities*) proposes a unique dialectics, embracing arguments, counter-arguments, and summaries of different epistemological natures, which issue 9, 3rd series, of *Biblos. Journal of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra* aims to highlight and discuss.

If complex societies are characterized by high levels of tension and conflict, social institutions and values are viewed as elements of consensus and resistance, playing a key role in ensuring social stability and progress. Though some authors argue that conflict cannot be analyzed separately from consensus, *Conflict and Conflictualities* was chosen as the subject of the next issue of *Biblos* to give a special focus to the moment we are facing in Europe and across the world. The post-pandemic times, which some expected to resemble the so-called “Roaring Twenties”, have radically turned into a period in which

new conflicts have arisen and old ones have intensified. The war in Ukraine, the political radicalization of social and cultural movements, the economic crisis, the migrant movement, and the illustration of the effects of the climate crisis are some topics that will fuel the discussion of *Conflict and Conflictualities*, in both the present and the past, from different multidisciplinary perspectives and using an innovative and topical way of framing the *issue*.

Combining our subject with the fundamental nature of the *Biblos* journal, a number of topics arise, which will guide the discussion:

- conflict as historical fact, in its various motives;
- conflict as a driving force and a subject for literary and artistic creation;
- conflict in sociolinguistics and ethnolinguistics;
- interpretation and conflictuality;
- epistemic and epistemological conflicts;
- conflicting identities and cultures;
- conflictualities and social change;
- conflict as an event;
- the media and conflicts;
- conflict and Human Rights;
- territorial conflicts, borders, and mobilities;
- conflict, natural catastrophes, and human disasters;
- conflict, geocriticism, and ecocriticism.

The editorial board of *Biblos. Journal of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra* welcomes articles on this subject. These must be submitted through the Open Journal Systems platform (<https://impactum-journals.uc.pt/biblos/login>) before 30 April 2023.

All articles must follow the journal's editorial norms (<https://impactum-journals.uc.pt/biblos/about/submissions>) and will be subjected to scientific refereeing by a committee of experts.

The editorial activity of this journal follows the *Code of Ethics. Guide to best practice for editors of journals of the University of Coimbra* (https://www.uc.pt/fluc/investigacao/biblos/politicas_editoriais/index).